

O PODCAST CAFÉ DA MANHÃ E A CONTRAPOSIÇÃO AO DISCURSO NEGACIONISTA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19¹

THE PODCAST CAFÉ DA MANHÃ AND THE COUNTERPOSITION TO THE NEGATIONISM SPEECH DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Alessandra Nardini e Carolina Cassese de Vasconcellos Serelle²

Resumo: A presente investigação aborda a contraposição ao discurso negacionista durante a pandemia de Covid-19, tendo como objeto de pesquisa o podcast Café da Manhã, pertence ao veículo Folha S. Paulo. O objetivo deste artigo é identificar e analisar as estratégias utilizadas pelo podcast para contrapor informações falsas. Para tal, apresenta-se uma revisão de literatura sobre conceitos que relacionados ao negacionismo. Posteriormente, foram analisados três episódios do Café da Manhã que foram publicados entre março e maio de 2020. Observou-se que os convidados escolhidos pela produção do programa são, em sua maioria, jornalistas da própria Folha. Concluiu-se ainda que os entrevistados e os próprios apresentadores utilizam termos bastante incisivos para carcaracterizarem as informações falsas propagadas pelo presidente.

Palavras-Chave: Jornalismo Político. Combate à Fake News. Folha de S. Paulo. Podcast Café da Manhã. Análise do Discurso.

Abstract: This investigation addresses the opposition to the denialist discourse during the Covid-19 pandemic, having Café da Manhã, from the Folha de S. Paulo group, as an object of investigation or podcast. The objective of this article is to identify and analyze the strategies used by podcast to counter false information. For this, a review of the literature on concepts related to or denialism is presented. Subsequently, three episodes of Café da Manhã that were published between March and May 2020 were

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho de Jornalismo Político da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

²Alessandra Nardini é Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Brasil), Especialista em Roteiro pra Cinema e Televisão pela mesma instituição de ensino, Mestre em Estudos Culturais pela Universidade Fumec (Brasil) e Doutoranda em Estudos Culturais pela Universidade do Minho (Portugal). Atualmente é Pesquisadora e Gestora de Conteúdos do Museu Virtual da Lusofonia, atual Unidade Cultural da Universidade do Minho, e faz parte do Grupo de Pesquisa Mídia e Narrativa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais desde 2018. E-mail: nardini.contato@gmail.com.

Carolina Cassese de Vasconcellos Serelle é Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Brasil).

analyzed. It is concluded that the interviewees and the presenters themselves use very incisive terms to characterize the false information propagated by the president.

Keywords: *Political Journalism. Combating Fake News. Folha de S. Paulo. Podcast Café da Manhã. Analysis of Speech.*

1. Introdução

Teorias conspiratórias, que questionam a ciência e formas tradicionais de conhecimento, têm ganhado espaço no debate público por meio das mídias sociais. Com a pandemia da Covid-19, episódios negacionistas se evidenciaram, já que discussões acerca de termos e procedimentos científicos se tornaram prementes em diversos âmbitos da vida cotidiana. A partir desse contexto, o presente trabalho analisa discursivamente episódios do podcast *Café da Manhã*, que pertence ao grupo *Folha de S. Paulo* e foi o programa jornalístico mais ouvido do Brasil em 2020, de acordo com lista do *Spotify*. Objetivou-se identificar as estratégias utilizadas pelo podcast para contrapor notícias falsas relacionadas à crise da Covid-19, considerando que a *Folha* é um dos principais grupos de imprensa do Brasil e recebe ataques constantes do presidente Jair Bolsonaro, que, em diversas ocasiões, negou a gravidade da doença e propagou tratamentos sem comprovação científica. De acordo com estudo realizado pelo Instituto Lowy (Austrália), o governante é responsável pela pior gestão da pandemia em todo o mundo.

No campo acadêmico, este artigo contribui para a discussão sobre o papel da imprensa corporativa no combate às *fake news*, especialmente quando a desinformação coloca em risco a saúde de populações. O estudo também se mostra relevante para a área da Comunicação por analisar o conteúdo presente em episódios de um podcast, mídia cada vez mais relevante no mundo. A partir de triagem realizada no *feed* do programa, o trabalho buscou responder às perguntas: quais *fake news* relacionadas à pandemia foram mais abordadas durante o período escolhido e como os comunicadores as refutaram? O *Café da Manhã* dá destaque aos propagadores da desinformação, apresentando supostos “dois lados”?

Para aprofundar o estudo sobre *fake news* e negacionismo, foram utilizados Matthew D'Ancona (2018) e Tatiana Roque (2020). A etapa subsequente foi a de análise de discurso dos seguintes episódios do *Café da Manhã*: “A crise política que surgiu em meio à pandemia”, “No 1º de abril, uma coletânea de declarações de Bolsonaro” e “Contra a ciência, a ampliação do acesso à cloroquina”, publicados entre março e maio de 2020, durante o início da pandemia – momento em que se sabia muito pouco sobre o novo coronavírus e os primeiros boatos emergiram.

Como resultados preliminares, inferimos que os episódios do programa se tornaram cada vez mais incisivos no combate à desinformação, especialmente quando essa é disseminada por membros do Governo. No dia 1º de abril de 2020, por exemplo, o episódio reuniu sucessivas declarações mentirosas de Bolsonaro, acompanhadas de dados como: “Em novembro de 2019, um levantamento da *Folha* mostrou que o presidente dá ao menos uma declaração falsa a cada quatro dias”. Percebe-se a escolha de termos mais diretos, como o substantivo “mentira”, para caracterizar as distorções. Observamos que esse movimento do *Café da Manhã* está em consonância com o do portal da *Folha de S. Paulo*, que também passou a combater as *fake news* com veemência. Foi possível concluir ainda que a participação de jornalistas e divulgadores científicos no programa é constante, especialmente quando o intuito é abordar temas mais urgentes ou controversos.

2. O fenômeno negacionista

É de conhecimento geral que um dos grandes desafios enfrentados pelos órgãos de imprensa nos dias atuais é o combate às notícias falsas, que podem ser propagadas com rapidez por meio das mídias sociais. Em 2016, o termo “pós-verdade”, definido como “relacionado a circunstâncias em que as pessoas respondem mais a sentimentos e crenças do que a fatos”, foi eleito a palavra do ano pelo dicionário Oxford. A entidade justificou que a expressão deixou de ser periférica e se tornou central no comentário político, “sem a necessidade de esclarecimento ou definição em suas manchetes”.

A disseminação de notícias falsas vem acompanhada de outros fenômenos que negam ou relativizam a verdade, como teorias da conspiração e discursos anticiência. No artigo Denial: The Unspeakable Truth (2018), publicado no site do periódico *The Guardian*, o sociólogo Keith Kahn-Harris introduz a noção de negacionismo a nível individual, esclarecendo que muitas vezes o ato de negar ou omitir alguma informação é natural, e até mesmo vital, para os seres humanos. Em seguida, há a questão: “Quando esse auto-engano privado necessário se torna prejudicial?”. O autor logo responde: “Quando se torna dogma público. Em outras palavras: quando se torna negacionismo”.

No artigo, é citado um dos *tweets* mais emblemáticos de Donald Trump, publicado em 2012: “O conceito de aquecimento global foi criado por e para chineses a fim de tornar a fabricação dos EUA não competitiva”. Kahn-Harris (2018) sugere que essa publicação representa o que o autor chama de pós-negacionismo, que seria mais preguiçoso, instintivo e anárquico que o negacionismo “tradicional”. Para ele, essa nova geração, impulsionada pela internet, “não está criando novas ortodoxias alternativas, mas obliterando a própria ideia de ortodoxia”.

Ao ser entrevistado para um episódio do podcast *Viracasacas*, que foi ao ar em 15 de junho de 2020, o antropólogo Orlando Calheiros afirmou que “o ser humano precisa entrar numa certa negação para poder viver. As pessoas que moram em áreas marginalizadas criam determinados mecanismos, não para ignorar o que está acontecendo, mas para serem capazes de viverem suas vidas apesar daquilo”. Ainda segundo o pesquisador, os movimentos de extrema-direita se apoiam no negacionismo porque é necessário criar um tipo de “relação apaixonada”.

É fundamental dizer que existe negacionismo à esquerda, existem anarquistas negacionistas. O negacionismo tem um espectro muito amplo. A questão é que existem movimentos, principalmente da extrema-direita, que surfam nele e são especialistas nisso. Como justificar um governo (como o de Bolsonaro) cheio de generais e ao mesmo tempo admitir as atrocidades cometidas durante o período da Ditadura Militar? Se você consegue negar isso, abre espaço para que essas pessoas tenham poder novamente (CALHEIROS, 2020).

Tatiana Roque, professora de Matemática e História das Ciências e Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicou na *Piauí*, veículo que pertence ao mesmo grupo da *Folha de S.Paulo*, em janeiro de 2020, um artigo intitulado O negacionismo no poder - como fazer frente ao ceticismo que atinge a ciência e a política. A autora inicia o texto com uma frase do deputado federal Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro: “Que aquecimento global é esse?”. O questionamento foi feito em um vídeo realizado durante o inverno nos Estados Unidos, em 2018. Para o deputado, a baixa temperatura demonstraria que não era preciso levar a sério o que os cientistas chamam de mudança climática.

No parágrafo seguinte, Roque (2020) cita um estudo do geólogo americano James Powell, publicado no final do ano passado, que concluiu que, dentre os mais de 11 mil artigos científicos publicados sobre mudança climática entre janeiro e julho de 2019, não há nenhum que conteste o fato de que o planeta está ficando mais quente por causa dos gases de efeito estufa lançados na atmosfera por atividades humanas. Em seguida, a professora começa a introduzir o tema do negacionismo:

Até pouco tempo atrás, quando queríamos sustentar uma afirmação sem argumentar demais, bastava dizer: ‘É comprovado cientificamente’. Mas essa tática já não tem mais a mesma eficácia, pois a confiança na ciência está diminuindo. Vivemos hoje um clima de ceticismo generalizado, uma descrença nas instituições que favorece a disseminação de negacionismos, encampados por governos com políticas escancaradamente anticientíficas. É o caso de Donald Trump, que está tirando os Estados Unidos do Acordo de Paris, pelo qual quase duzentos países haviam se comprometido em 2015 a tentar conter os prejuízos causados pelo aquecimento global; e de Jair Bolsonaro, que também comanda um governo contrário às ações para combater a mudança climática (ROQUE, 2020).

A autora traz ainda o termo “pós-verdade”, que, segundo ela, não designa somente um uso oportunista da mentira, mas “sinaliza, acima de tudo, um ceticismo quanto aos benefícios das verdades que costumavam compor um repertório comum”.

Segundo Matthew D’Ancona, autor do livro Pós-verdade – A nova guerra contra os fatos em tempos de fakenews, a conspiração e a negação são “amigas da pós-verdade”. O jornalista britânico cita uma pesquisa, realizada pela Universidade de Chicago em 2016, que constatou: cerca de 50% do público estadunidense endossou

ao menos uma teoria da conspiração. Destacam-se, por exemplo, a afirmação de que Barack Obama não nasceu no Havaí, mas no Quênia e a tese de que o governo estadunidense teria algum tipo de envolvimento com os ataques de 11 de setembro.

D’Ancona (2016) menciona ainda um trecho estudo sobre teorias da conspiração realizado pelo jornalista David Aarnovitch, inferindo que essas crenças seriam um reflexo humano da ânsia pelo controle das narrativas. “As teorias da conspiração são realmente tranquilizadoras. Elas sugerem que há uma explicação, que as ações humanas são poderosas e que há ordem, em vez de caos. Isso torna a redenção possível”, escreveu Aarnovitch (2015).

3. Pandemia, *Fake News* e o negacionismo do governo Bolsonaro

Sabe-se que a Covid-19, doença descoberta na China em 31 de dezembro de 2019, causou uma grande turbulência no cenário mundial. Por ser altamente transmissível, chegou rapidamente em muitos países e, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que se tratava de uma pandemia. Se, por um lado, parte da sociedade levou a sério os alertas das principais autoridades sanitárias do mundo, que recomendaram quarentena horizontal nos períodos de maior transmissibilidade do vírus, outra parcela minimizou a doença e clamou por um “estado de normalidade”, com comércio e até mesmo escolas funcionando sem ou com poucas alterações.

Um dos principais representantes do segundo grupo foi Jair Bolsonaro, presidente do Brasil, que chamou a atenção do mundo inteiro com sua atitude negacionista. Em 24 de março o governante fez seu terceiro pronunciamento em rádio e televisão sobre a crise do novo coronavírus, proferindo frases como: “Devemos, sim, voltar à normalidade” e “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”.

Essa foi, ainda, a primeira vez que o presidente mencionou, durante um discurso oficial, o medicamento hidroxicloroquina como uma possível cura para a doença. O composto virou símbolo do movimento bolsonarista durante grande parte

da pandemia, já que apoiadores do governante defendiam que a Covid-19 não era muito grave, justamente porque a doença poderia ser prevenida e tratada com a cloroquina. Esse era um argumento utilizado para a defesa da reabertura do comércio, por exemplo. No entanto, durante o mesmo período, autoridades sanitárias declararam publicamente que não havia comprovação científica de que o medicamento poderia ser utilizado no tratamento e, menos ainda, na prevenção da Covid-19.

A revista inglesa *The Economist*, em sua edição impressa do dia 26 de março de 2020, chamou o presidente do Brasil de “BolsoNero”, uma alusão ao imperador romano Nero, que teria tocado uma lira enquanto Roma pegava fogo. A publicação alemã *Der Spiegel*, por sua vez, também em 26 de março de 2020, caracterizou Bolsonaro como “o último negacionista”, inferindo que todos os outros líderes mundiais já haviam se conscientizado da gravidade do novo coronavírus. Em 14 de abril de 2020, o *The Washington Post* publicou um editorial intitulado: “Os líderes arriscam vidas minimizando o coronavírus. Bolsonaro é o pior”.

Como presidente do Brasil, é plausível considerar que as falas do político reverberam no imaginário da população. É possível inferir que, durante as fases mais crítica da pandemia da Covid-19, as *fakenews* disseminadas tiveram um impacto negativo na saúde pública dos brasileiros. Em matéria publicada na *Folha de S.Paulo* em 30 de junho de 2020, o veículo aponta que, segundo estudo, “falas de Bolsonaro contra isolamento podem ter matado mais seus eleitores”.

De acordo com o levantamento Ideologia, isolamento e morte: uma análise dos efeitos do bolsonarismo na pandemia de Covid-19, realizado por pesquisadores da Universidade Federal do ABC (UFABC), da Fundação Getúlio Vargas e da Universidade de São Paulo, em praticamente todas as ocasiões em que o presidente minimizou a pandemia, mais pessoas morreram, proporcionalmente, nos municípios com mais eleitores de Jair Bolsonaro. Para ilustrar a notícia, há um infográfico que relaciona falas de Bolsonaro com a queda do isolamento social. Após declarações como “Outras gripes mataram mais do que essa” e “Ninguém vai tolher meu direito de ir e vir”, os índices de pessoas em quarentena diminuíram.

Jornalistas como Elian Brum (2020) e Fernando Barros e Silva (2021) consideram que parte da desinformação é transmitida a fim de consolidar uma agenda de extermínio, já praticada por governos autoritários bem antes da pandemia do novo coronavírus surgir.

Em 8 de agosto de 2020, quando o Brasil atingiu o marco de 100.000 mortos pela Covid-19, Brum publicou um texto em sua coluna no periódico *El País Brasil*. Para a autora, o presidente do Brasil está:

(...) perpetrando um genocídio em nosso nome quando veta medidas de segurança e estimula que as pessoas vão às ruas sem máscaras. É possível seguir empilhando atos de Bolsonaro que comprovam sua intenção de matar. E também de deixar morrer, o que é uma outra forma de matar, já que um governante tem a responsabilidade constitucional de proteger a população do país que governa (BRUM, 2020).

A visão de Brum pode ser relacionada com o conceito de necropolítica, desenvolvido pelo filósofo e historiador Achille Mbembe no livro de mesmo nome (2018). O termo faz referências a políticas de Estado que determinar quais vidas valem mais, e conseqüentemente, quem merece viver.

No que diz respeito à Covid-19, o autor camaronês afirmou que “a pandemia democratizou o poder de matar”. Para Mbembe, o isolamento seria uma forma de regular esse poder: “Essa lógica do sacrifício sempre esteve no coração do neoliberalismo, que deveríamos chamar de necroliberalismo. Esse sistema sempre operou com a ideia de que alguém vale mais do que os outros. Quem não tem valor pode ser descartar” (Mbembe, 2020), declarou em entrevista publicada na *Folha de S.Paulo*.

O autor se refere ao fato de que os trabalhadores essenciais, geralmente negros e pobres, não puderam realizar o isolamento social da maneira recomendada pelas autoridades sanitárias, justamente porque precisavam se expor à doença a fim de conseguir alguma renda.

Em abril de 2020, Mbembe publicou uma coluna na revista AOC, intitulada *O Direito Universal à Respiração*. O autor reforça seu ponto de que a pandemia atinge as populações de forma desigual e inicia o texto expondo que, enquanto “alguns pensam no pós Covid-19 (...) a maioria de nós, entretanto, especialmente nas partes

do mundo onde os sistemas de saúde foram devastados por anos de abandono organizado, o pior ainda está por vir”. Em seguida, ele pontua os principais fatores de preocupação para populações mais vulneráveis: a ausência de leitos hospitalares, aparelhos respiratórios, exames massivos, máscaras e desinfetantes à base de álcool.

Sabe-se que a população negra e pobre no Brasil foi especialmente afetada pelo novo coronavírus. De acordo com matéria publicada na Folhaem 25 de agosto de 2020, um estudo realizado pelo Instituto Pólis indicou que a taxa de mortalidade por Covid-19 entre a população negra da cidade de São Paulo é cerca de 60% maior do que a registrada entre os brancos. O racismo e as demais desigualdades, portanto, são elementos importantes a serem considerados em qualquer análise a respeito das consequências da pandemia.

4. Negacionismos na história

É válido ressaltar que, em outras epidemias que aconteceram ao longo da história, governantes brasileiros também tiveram a atitude de negar a realidade. A matéria “No Brasil Império, chegada de vírus mortal provocou negacionismo e crítica a quarentenas”, publicada em 07 de junho de 2020 pelo *El País Brasil*, apresenta documentos que mostram como a epidemia de febre amarela, que chegou em 1850 no Brasil, foi minimizada por líderes da época, como o senador e ex-ministro Bernardo Pereira de Vasconcellos, de Minas Gerais. Num discurso proferido em abril daquele ano, o político afirmou:

Eu estou convencido de que se tem apoderado da população do Rio de Janeiro um terror demasiado e que a epidemia não é tão danosa como se têm persuadido muitos. Talvez fosse mais conveniente que o Governo não tivesse criado lazaretos e feito tanto escarcéu. Julgo até necessário que se institua um exame público a esse respeito, a fim de mostrar ao Brasil e ao mundo que não é a febre amarela o que reina hoje(VASCONCELLOS, 1850).

Duas semanas após essa declaração, o senador Vasconcellos faleceu justamente de febre amarela. Mesmo com o crescente número de mortes, outros

políticos continuaram a ter comportamentos negacionistas. O senador Costa Ferreira, por exemplo, afirmou, referindo-se aos seus familiares e escravos: “Eu tenho algumas 22 pessoas na minha casa e não tive uma única delas doentes”. Também senador, Limpo de Abreu (MG) declarou que a doença que circulava na época provavelmente não era febre amarela, já que, em sua opinião, a mortalidade estava pequena demais.

No mesmo país, 170 anos depois, durante a pandemia da Covid-19, um senador que negava a gravidade da pandemia também faleceu. Arolde de Oliveira (PSD-RJ) morreu em 22 de outubro, vítima do coronavírus. O político tinha 83 anos e, em publicações nas redes sociais, chegou a escrever: “Os números do vírus chinês no mundo e no Brasil demonstram a inutilidade do isolamento social. Autoridades, alarmistas por conveniência, destruíram o setor produtivo e criaram milhões de desempregos. O Presidente Jair Bolsonaro, isolado pelo STF, estava certo desde o início”.

Outro episódio histórico caracterizado por comportamentos negacionistas foi a criação da Liga Anti-Máscara, movimento que surgiu em 1919 na cidade de São Francisco (Estados Unidos) durante a pandemia de gripe espanhola. Além de serem contra a exigência do uso de máscara, os integrantes exigiam a volta da normalidade, alegando que o governo estava tomando medidas excessivamente intrusivas. Um dos encontros do grupo, realizado em 25 de janeiro aquele ano, reuniu mais de duas mil pessoas.

Naquela época, o médico William Hassler, principal autoridade de saúde de São Francisco, determinou a obrigatoriedade do uso de máscaras em público, pois considerava que essa seria a maneira mais eficaz para impedir a propagação da doença. Qualquer cidadão que desobedecesse a regra poderia ser multado ou até mesmo preso. De acordo com a matéria “O que era a 'Liga Anti-Máscara', que protestava contra restrições na gripe espanhola”, publicada pela *BBC Brasil* em 10 de maio de 2020, centenas de moradores chegaram a ser detidos por descumprimento, e há relatos de pessoas que usavam as máscaras com um buraco na boca, para poderem fumar.

Segundo a historiadora Nancy Bristow, entrevistada na mesma reportagem da *BBC*, é possível traçar paralelos entre o contexto da gripe espanhola e o da pandemia de Covid-19, considerando que muitos dos argumentos utilizados são similares. No entanto, Bristow ressalta que há muitas diferenças no que diz respeito ao acesso à informação: "Eles não tinham os dados e as evidências que temos hoje de que fazer isso (cumprir as medidas de emergência) vai salvar vidas. A diferença é que agora não se pode alegar ignorância".

No livro *A Bailarina da Morte*, publicado em 2020 pelas pesquisadoras Lilia Schwarcz e Heloísa Starling, é possível perceber que houve episódios negacionistas durante a epidemia de gripe espanhola também aqui no Brasil. Segundo as autoras, quando a doença chegou ao Rio de Janeiro, capital brasileira na época, o governo achou melhor "diminuir perante a opinião pública o caráter de urgência e o poder de letalidade da espanhola. Foi isso que ocorreu até início de outubro, e os habitantes presenciaram uma total negação da realidade" (SCHWARCZ, STARLING, 2020, p. 123).

Na contracapa da obra, há uma declaração da cientista Natália Pasternak, que traça um paralelo com a epidemia de gripe espanhola e a atual pandemia de Covid-19 no Brasil.

Entre negação e ciência, curas milagrosas e uma doença que escancarou as desigualdades sociais da época, os historiadores do futuro, ao analisar este brilhante livro sobre a pandemia de 1918 – escrito durante a pandemia de 2020 –, indagarão, perplexos: 'Mas como é possível que, em cem anos, não aprenderam nada?' (PASTERNAK, 2020).

Fica evidente, portanto, que comportamentos negacionistas não são exclusivos da contemporaneidade, já que eventos históricos anteriores mostram que o descrédito na ciência já causou dificuldades consideravelmente no combate às doenças transmissíveis.

5. A tecnologia da informação, as novas formas de comunicação e suportes

Moisés de Lemos Martins, Professor Catedrático no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, em sua obra Crise no Castelo da Cultura: das estrelas para os ecrãs, publicada pela primeira vez em 2011, discorre que as tecnologias da informação trouxeram inúmeras transformações ligadas às novas formas de comunicação e novos suportes. Para o autor: “entre nós e o mundo interpõe-se agora uma infinidade de mediações, de procedimentos, de modos de acesso, de interfaces, uma infinidade de modos de ligação e de conexão” (Martins, 2017, p. 31).

As inovações proporcionadas pela tecnologia desencadearam grandes mudanças no nosso cotidiano, modificando a lógica do pensamento científico e influenciando nossas relações e práticas sociais. Para Martins (2017), o regime da palavra, que antes conduzia nossa passagem pelo mundo, baseando-se na promessa da imortalidade, foi resignificado com o surgimento dos avanços tecnológicos.

Em meio a uma paisagem comunicacional saturada de conteúdos imagéticos e textuais, surge a possibilidade de estabelecermos uma via de comunicação dupla, em que o sujeito não seja apenas um receptor, mas também um produtor de conteúdos, capaz de interagir com outras pessoas em um espaço virtual extremamente fragmentado e que, ao mesmo tempo, consegue unir pessoas com ideais e valores em comum, fortalecendo a criação de grupos cada vez mais interativos. A interatividade pode ter efeitos negativos sobre a vida dos indivíduos, pois potencializa discursos que circulam em determinados campos sociais, inclusive os negacionistas.

Podemos considerar a *web* uma abertura para o início de interações e compartilhamentos que depois se estenderam para o uso de aparelhos móveis, como *smartphones*, e de redes sociais como o *Facebook*, o *Twitter* e o *Instagram*. É pertinente ressaltar que, de acordo com Scolari (2008), a criação de redes mais interativas fez com que não existissem receptores passivos de informações e produtos culturais veiculados nos meios de comunicação de massa. Como mencionado anteriormente, as redes digitais propiciaram o surgimento de receptores que são ativos e produzem conteúdos ilimitados de diversas naturezas.

6. Análises de episódios do *Café da Manhã*

Diante desse quadro, levantam-se questões acerca das maneiras que essas mesmas mídias digitais, inseridas na cultura da instantenidade, podem combater a desinformação.

Em seu site, o pesquisador Richard Berry define o termo podcast como um “conteúdo de áudio distribuído globalmente por meio de assinatura de um dispositivo conectado à internet e, em seguida, consumido de forma assíncrona pelos ouvintes” (BERRY, 2018). Um levantamento da plataforma Deezer mostrou que, no ano de 2019, o consumo dessa nova mídia cresceu cerca de 67%. Em 2020, ano marcado pela pandemia, o aumento foi de 33%.

Com a finalidade de compreender melhor como essas novas mídias dialogam com o cenário da pós-verdade, decidimos investigar três episódios do podcast *Café da Manhã*, produzido pelo jornal *Folha de S. Paulo* em parceria com o *Spotify*, plataforma que oferece serviços streaming para músicas, podcasts e vídeos desde 2008. O nosso estudo utilizou o método da análise de discurso, que pode ser percebido como um “gesto de interpretação do pesquisador em busca da compreensão sobre o funcionamento de um tipo de discurso” (BENETTI, 2007, p.120).

6.1 O programa

O primeiro episódio do podcast, apresentado pelos jornalistas Magê Flores e Rodrigo Vizeu, foi ao ar em janeiro de 2019. Desde então, os tópicos apresentados pelo podcast que conta com episódios diários, que vão ao ar de segunda a sexta-feira às seis horas da manhã na plataforma *Spotify*, são diversos. Entre eles estão a atual conjuntura política no Brasil e no mundo, ciência, cotidiano, cultura, educação e saúde. Atualmente, o *Café da Manhã* é apresentado pelos jornalistas Magê Flores, Maurício Meireles, que substitui Rodrigo Vizeu desde junho de 2020, e Bruno

Boghossian, que reveza os microfones com Magê e Maurício desde setembro de 2020.

6.2 Episódio: “A crise política que surgiu em meio à pandemia”

O primeiro episódio escolhido para a análise foi “A crise política que surgiu em meio à pandemia”, publicado em 26 de março de 2020, logo no início da crise sanitária. O capítulo repercute o emblemático pronunciamento que o presidente Bolsonaro realizou em cadeia nacional de rádio e TV no dia 24 de março, em que defendeu a reabertura do comércio e declarou: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”.

Ao repercutir essa frase, a apresentadora Magê Flores comenta: “Antes da crise de saúde, o alastramento da Covid-19 gera uma crise política, principalmente devido ao comportamento desse presidente”. A seguir, a jornalista complementa: “A insistência do presidente em minimizar o coronavírus vai contra as orientações da Organização Mundial da Saúde, do consenso científico, de autoridades locais em saúde e da opinião da ampla maioria dos brasileiros, medida pelo Datafolha. Até apoiadores reagiram mal aos pronunciamentos”. São tocados áudios de antigos apoiadores de Bolsonaro que agora se mostram críticos ao presidente.

O especialista chamado para comentar a situação é Igor Gielow, também jornalista da *Folha de S. Paulo*. Ele caracteriza o pronunciamento de Bolsonaro como “irresponsável” e traz informações sobre bastidores do Palácio do Planalto, como o fato de que a declaração do presidente surpreendeu até mesmo aliados do governo.

Ao longo do episódio, é possível notar que os apresentadores usam algumas gírias ou termos mais informais. É o caso da palavra “treta”, utilizada para caracterizar o conflito entre João Dória, governador de São Paulo, e o presidente. Há ainda uma preocupação, por parte dos entrevistadores e do convidado, em tratar o tema de forma didática, o que pode ser percebido com a

explicação de termos como “gabinete do ódio”. De maneira geral, nota-se um tom bastante crítico ao discurso do presidente, com grande ênfase para a repercussão negativa da fala.

Ao final do episódio, o apresentador Rodrigo Viseu pergunta ao convidado: “O Bolsonaro não poderia ter seguido um consenso geral e assumido um papel de líder duro? Fiquei pensando na imagem do Bolsonaro sendo um Churchill do baixo clero, com um discurso patriótico”. Em seguida, Gielow responde: “Você tem que considerar que ele é o Bolsonaro, ele não é um líder (...) Não é uma pessoa preparada para o cargo e muito menos para uma crise desse tamanho. Isso está dado e resolve o problema do por que ele não seria o nosso Churchill tropical ou do baixo clero”. Vale ressaltar que o político inglês Winston Churchill, utilizado como exemplo pelo episódio, é uma figura que atualmente vem sendo questionada por setores mais progressistas, já que o político nunca escondeu sua crença na supremacia branca.

No segundo episódio escolhido, “1º de abril, uma coletânea de declarações de Bolsonaro”, publicado em 2021 na data conhecida como Dia da Mentira, os apresentadores do *Café da Manhã* logo mencionam que o podcast está habituado a apresentar declarações do presidente Jair Bolsonaro, identificando “o que há de falso, equivocado, distorcido ou impreciso em suas declarações, com o suporte de colegas estão na linha de frente da cobertura jornalística durante a pandemia”.

Nos primeiros minutos, Magê Flores destaca : “Afinal, o que diz um presidente da república afeta o debate político, as ações do poder público, outros poderes e entes da federação, o mercado financeiro e o cotidiano das pessoas. Essas falas também têm efeito sobre a imagem da própria instituição, da presidência da república e do Brasil”.

Para esse episódio, a produção convidou Mariana Versolato, editora de Saúde e Ciência da Folha, e os repórteres e colunistas Cláudia Collucci e Marcelo Leite, do mesmo veículo. Ao longo do capítulo, são apresentadas declarações de Bolsonaro sobre a crise sanitária. Os convidados, então, desmentem ou contextualizam essas falas.

Magê Flores, apresentadora do *Café da Manhã*, destaca que o presidente “acumula novas declarações que, por vezes, simplesmente não condizem com a realidade”. Um acontecimento destacado foi o fato de o presidente ter negado que convocou a população para se manifestar em seu favor enquanto o vírus já se espalhava pelo Brasil.

Já Marcelo Leite, colunista e repórter, ressaça como Bolsonaro minimizou a doença inúmeras vezes. O repórter apresenta dados que contradizem afirmações do presidente e pontua que o termo “histeria” é frequentemente utilizado por Bolsonaro, como no trecho dito pelo presidente: “Quando você proíbe jogo de futebol, entre outras coisas, você ta partindo pro histerismo, no meu entender”.

O pronunciamento de Bolsonaro em 25 de março volta a ser comentado no programa. Escutamos o trecho: “O que se passa no mundo, tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar as escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine”. Para rebater esse argumento, a jornalista Cláudia Collucci afirma que estudos já realizados evidenciam que jovens também podem ser bastante suscetíveis a doença.

Em seguida, ouvimos outra fala do presidente: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria, ou seria, quando muito acometido de uma gripezinha, ou resfriadinho”. Claudia Colucci ressalta que Bolsonaro tem 65 anos e faz parte do grupo de risco. Através de levantamentos de dados e estudos científicos, ela comprova que a fala é uma “pós-verdade”.

O último trecho selecionado é a respeito da hidroxicloroquina, medicamento sem eficiência comprovada no tratamento contra a Covid-19. Sobre o composto, escutamos Bolsonaro dizer: “Realidade do Brasil: temos aí a cloroquina! Eu tive relatos de pessoas que entram em contato comigo, que ta sendo eficiente, 100% eficiente. Lógico que tem que ver a dosagem. A dosagem do remédio é importante”. Esse discurso, ressaltam os entrevistados, estaria aliado com o de Donald Trump, então presidente dos Estados Unidos, que defendia o uso do composto para a prevenção do novo coronavírus.

6.3. Episódio “Contra a ciência, a ampliação do acesso à cloroquina”

O terceiro e último episódio escolhido para análise foi o “Contra a ciência, a ampliação do acesso à cloroquina”, publicado em 21 de maio de 2020, quando o então Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, ampliou a possibilidade de uso da cloroquina e da hidroxicloroquina por pacientes com Covid-19. O próprio título do capítulo já indica que essa decisão não tem respaldo em evidências científicas.

Os primeiros minutos do episódio já evidenciam um tom de crítica às atitudes do governo Bolsonaro. A primeira frase proferida pelo apresentador Rodrigo Viseu é: “Jair Bolsonaro botou na cabeça”. Em seguida, ouvimos um copilado de falas do presidente, com ênfase na palavra “cloroquina”. Essa edição pode sugerir que Bolsonaro é aficionado pelo medicamento, já que escutamos ele repetir o termo diversas vezes. Logo depois, a jornalista Magê Flores pontua, num tom bastante crítico: “Ele fez até piada a respeito”. É tocado um áudio em que Bolsonaro diz: “Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaína”. Os jornalistas, então, reforçam que não há evidências científicas suficientes da eficácia da cloroquina contra o novo coronavírus.

A convidada do episódio é a repórter Cláudia Collucci, uma das entrevistadas do último episódio analisado. A jornalista contextualiza o debate e expõe o posicionamento das principais entidades sanitárias do mundo, que alertam para o fato de que, segundo pesquisas, a cloroquina não apresentou eficácia na prevenção e tratamento da Covid-19. Em seguida, são tocados áudios de alguns médicos e especialistas que defendem o composto, caso da médica Nise Yamaguchi. Logo depois, Collucci esclarece: “Quem hoje está defendendo isso cegamente não tem crédito no meio especializado”. A convidada apresenta um tom bastante contundente ao falar sobre o assunto e explicita a relevância dos estudos que estão sendo realizados sobre a Covid-19.

Collucci explica como os protocolos de saúde do Ministério da Saúde são elaborados e faz uma análise crítica sobre como a existência de um protocolo que fortalece o uso da cloroquina pode pressionar os médicos a receitarem o

medicamento. Diante da falta de evidências científicas em relação ao seu uso na prevenção e tratamento da Covid-19, o remédio está presente no SUS apenas para o tratamento de doenças como a Malária e o Lúpus, como reforça a jornalista. Por fim, há uma discussão sobre o fato de que o protocolo referente ao uso da cloroquina foi publicado sem a assinatura de especialistas e em forma de medida provisória, o que livraria agentes públicos de punição.

Considerações finais

Todo o desenvolvimento deste trabalho foi permeado pelo interesse em compreender como o discurso negacionista acerca da pandemia de Covid-19, propagado principalmente pelo presidente Jair Bolsonaro, vem sendo combatido por veículos de comunicação, mais especificamente pela *Folha de S.Paulo*, que cada vez mais passa a utilizar novos suportes midiáticos.

Percebeu-se que o programa *Café da Manhã*, principal podcast do veículo e o mais escutado do Brasil segundo o *Spotify*, costuma convidar pessoas da própria redação da *Folha* para comentar os temas. Nos episódios escolhidos e ainda em outros escutados como complemento da análise, as falas de membros do governo Bolsonaro ou de figuras que defendem discursos anticiência são escutadas por meio de áudios retirados de coletivas de imprensa ou *lives*, mas essas pessoas não são de fato entrevistadas pela produção do *Café da Manhã*. Não é possível saber, no entanto, se essas pessoas são convidadas pelo programa e se recusam a dar entrevistas ou se nem mesmo são cogitadas como fontes.

O uso da cloroquina, a polêmica em torno das vacinas e das medidas de isolamento social são temas bastante recorrentes no *feed* do podcast. Notou-se também que o programa utiliza termos e jargões da internet, o que provavelmente é uma tentativa de se aproximar do público mais jovem, parcela que mais consome podcasts.

Em se tratando do combate ao discurso negacionista, observamos alguma possíveis contradições referentes ao grupo *Folha*. Ao mesmo tempo em que o jornal assume uma postura de combate às *fake news*, publicando editoriais que defendem

a ciência, a versão impressa do mesmo veículo chegou a estampar, em mais de uma ocasião, anúncios de entidades que defendem a reabertura do comércio e o chamado “tratamento precoce”, que seria o uso de medicamentos sem respaldo científico (cloroquina, ivermectina, zinco e vitamina) para a prevenção ou tratamento da Covid-19.

Esse acontecimento, que não foi mencionado no *Café da Manhã*, é tema do texto “Por que grandes jornais topam publicar mentiras sobre a covid-19 em forma de anúncio?”, divulgado em 27 de fevereiro no site *The Intercept*. A matéria afirma, logo no subtítulo, que esses oito periódicos se tornaram “coautores de um atentado contra a saúde pública”. O texto, assinado pelo jornalista João Filho, pontua ainda: “No dia seguinte à publicação do manifesto, a *Folha* estampou a manchete: ‘Médicos usam informações falsas para defender tratamento ineficaz contra Covid-19’. É a *Folha* desmentindo as informações publicadas na *Folha*” (FILHO, 2021).

De maneira geral, é possível inferir que o veículo, e em especial o *Café da Manhã*, utiliza um tom bastante crítico às campanhas de desinformação, especialmente quando essas são legitimadas pelo Governo Federal. Há um certo didatismo ao desmentir as informações, ao passo que também é possível notar tons de ironia na voz dos apresentadores, em especial quando os mesmos tratam de *fake news* muito absurdas. Os convidados costumam ser ainda mais incisivos do que os entrevistadores e nem sempre utilizam palavras consideradas “neutras” ao criticarem Jair Bolsonaro. O próprio fato de o programa ter realizado um especial com coletâneas de Jair Bolsonaro no Dia da Mentira já denota um tom bastante crítico em relação ao presidente.

A posição do veículo em relação ao atual governo fica evidente pelos termos utilizados, mesmo que o jornal se descreva constantemente como imparcial. Nesse sentido, é plausível considerar que o programa não tem a intenção de “converter” apoiadores de Bolsonaro, e sim de dialogar com uma parcela que se diz “neutra” ou já contra o governo.



REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. A marcha dos mortos. In: **El País Brasil**, 2020. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-07/a-marcha-dos-mortos.html>
CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005. Acesso em 25.04.2021.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Tradução Carlos Szlak – 1.ed – Barueri: Faro Editorial, 2018.

FILHO, João. Por que grandes jornais topam publicar mentiras sobre a Covid-19 em forma de anúncios. In: **The Intercept**, 2021.
<<https://theintercept.com/2021/02/28/por-que-grandes-jornais-topam-publicar-mentiras-covid-19-anuncios/>>. Acesso em: 29 abr.2021.

JENKINS, Henry. Cultura da **convergência**. 2. ed. Tradução: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

KAHN HARRIS, Keith. Negacionismo: o que leva as pessoas a negarem a verdade. **The Guardian**, Londres, 03 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/aug/03/denialism-what-drives-people-to-reject-the-truth> . Acesso em: 30 mar. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. A sociedade da informação e o sentido da mudança cultural. In: **Actas do I Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação**. Lisboa: Edições Universitárias, 1999. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/25349/1/a_sociedade_da_informacao.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2019.

MARTINS, Moisés de Lemos. A razão comunicativa nas sociedades avançadas. In: MIRANDA, J. B. & SIMÕES, G. R. (Org.). **Rumos da sociedade da comunicação, II Congresso da Sopcom**. Lisboa: Nova Vega, 2005. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/25337/1/a_razao_comunicativa.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.

MARTINS, Moisés de Lemos. Mídias digitais: hibridez, interactividade, multimodalidade. In: **Revista de Comunicação e Linguagens**, 2012. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/25606>>. Acesso em: 30 mar. 2019.



MARTINS, Moisés de Lemos. **Crise no castelo da cultura**: das estrelas para os ecrãs. Famalicão: Edições Húmus, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MBEMBE, Achille. Pandemia democratizou poder de matar. **Entrevista à Folha de São Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2020/03/31/>>. Acesso em 02 abr. 2021

MCLUHAN, Marshall. **Pour comprendre les médias**. Paris: Seuil, 1968.

ROQUE, Tatiana. O negacionismo no poder. **Revista Piauí**, 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/>>. Acesso em: 31 mar.2020.

Schwarcz, Lilia. Starling, Heloisa. **A bailarina da morte**. 1 ed. São Paulo, 09 de outubro de 2020.

Scolari, C. **Hipermediaciones**: elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva. Barcelona: Gedisa, 2008.